

INFORMAÇÃO EM C&T EM SAÚDE

**FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E
TECNOLÓGICA EM SAÚDE**
MARIA CRISTINA GUIMARÃES

**[O ACESSO LIVRE NA INFORMAÇÃO
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA]**
CARLOS HENRIQUE MARCONDES

**A GESTÃO DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO
NO SISTEMA DE PESQUISA EM SAÚDE:
NOVAS MEDIAÇÕES, ESTRUTURAS E MODELOS**
ALFREDO SCHECHTMAN

MEDIADORA: MARIA LUIZA JAEGER

FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

Maria Cristina Guimarães

Pesquisadora do Instituto de Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde, Icict, Fiocruz

Falaremos um pouco sobre o que vem sendo, nos últimos dez anos, a pesquisa e informação científica e tecnológica em saúde aqui no Icict. Há dez anos, a Escola *Politécnica* de Saúde Joaquim Venâncio¹, a Casa de Oswaldo Cruz² e a Escola Nacional de Saúde Pública³ fizeram parte de uma mesma subcâmara. Juntos, sonhamos com um “casamento” entre ciência e tecnologia em saúde e informação. Esse casamento já era um ato político dentro de uma tradição, que vê a informação, fundamentalmente, como os espaços clássicos de informação, como as bibliotecas e os arquivos.

Longe disso, o que nós queremos é fazer da informação e da pesquisa técnica um objeto de pesquisa. Portanto, essa ligação entre pesquisa em saúde e a prática de saúde era uma meta. O discurso na área de ciência e tecnologia apontava: ciência e tecnologia para um lado e saúde e tecnologia para o outro, sendo a prática da saúde “menor” face à prática e produção do conhecimento no âmbito da ciência e tecnologia.

Partindo desta perspectiva de incorporação do saber no fazer, e vice-versa, e da construção de redes e intercâmbios, procuramos nossos parceiros. Nós, profissionais da informação, que também

realizamos pesquisas tendo por objeto informação e comunicação, sempre fomos vistos como se estivéssemos descolados da prática e do âmbito da saúde.

O próprio recorte da pesquisa da informação revela que não é possível trabalhar de uma forma disciplinar restrita aos recortes profissionais. O trabalho em grupo, a multitransdisciplinaridade e a intersetorialidade são absolutamente fundamentais. É preciso entender que a prática é o ponto de partida para a teoria; a prática orienta para formalizar o conhecimento e produzir conhecimento em novas teorias. Vamos ampliando os referenciais para a compreensão e para a ação, apostando em uma constante inovação.

O caminho visto pelos profissionais da informação é o da informação científica e tecnológica. Quando viemos para o campo da saúde, trouxemos um recorte clássico da área de ciência e informação, ou dos estudos de informação na área da ciência e tecnologia. É um processo cíclico: acesso à informação, organização da informação, comunicação da informação e uso da informação.

Não se pode pensar no acesso, na organização da comunicação sem pensar, minimamente, na força das tecnologias de infor-

DE 1998 A 2007 FORAM FORMADOS
CERCA DE 150 PROFISSIONAIS,
OU SEJA, SÓ NO NÍVEL MÉDIO
TEMOS 150 PROPOSTAS
COM POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

mação e comunicação, principalmente a Internet, de onde Marcondes⁴ puxou a questão do acesso livre.

O grande desafio da informação é trazer essa perspectiva para o campo da saúde. Quais são as políticas, os processos, as técnicas que estão por trás ou que são específicos do campo da saúde? Como as tecnologias de informação e comunicação no campo da saúde modelam todo esse processo de produção e conhecimento? É aí que se deu o encontro da informação científica e tecnológica com a saúde: foram criados no Icict dois cursos ao longo desses últimos dez anos: "Especialização técnica e formação em saúde", para profissionais de nível médio, e a especialização *lato sensu* "Informação científica e tecnológica em Saúde".

O que eles têm em comum? São complementares em seu compromisso: o profissional, que se propõe a fazê-los, deverá explicitar um problema ou um desafio da prática cotidiana. É a nossa resposta: prática na teoria e teoria na prática.

Certamente, a nossa filosofia, ao longo desses cursos, é o diálogo. Costumamos dizer a nossos alunos, tanto no nível médio como no nível superior: não existe resposta fácil na área de estudos de informação e tecnologia em saúde, não tem resposta pronta. Não há uma receita de bolo, não sabemos fazer nada "a priori". Não é

TOMAMOS EMPRESTADO UM ENSINAMENTO
[DE MORIN, A PARTIR DE KLEIST: SE O SABER NÃO NOS FAZ]
MELHORES OU MAIS FELIZES,
A EDUCAÇÃO PODE NOS AJUDAR
A NOSTORNARMOS MELHORES, SENÃO MAIS FELIZES

simplesmente uma perspectiva disciplinar mas sim uma perspectiva metodológica que é capaz de dar conta de todos esses problemas. Daí a vasta diversidade de perfis profissionais. O curso direciona-se a todos os profissionais de saúde que, direta ou indiretamente, têm alguma vinculação com as práticas de informação e tecnologias associadas em saúde.

A parceria Fiocruz - reunindo o então Cict⁵ com a Politécnica, a ENSP e a COC - no projeto de qualificação de profissionais de nível médio resultou em um curso que começou no Rio de Janeiro, foi para Porto Alegre em 2004 e, em 2008, para Salvador. De 1998 a 2007, foram formados cerca de 150 profissionais, ou seja: só no nível médio potencialmente temos 150 propostas com algumas possibilidades de mudança.

Um dos temas discutidos no curso de nível médio é a questão do SUS nos processos de comunicação e humanização. O curso sai do Rio de Janeiro com parcerias muito fortes com a assistência. Em Porto Alegre, com o Grupo Hospitalar Conceição⁶, que é, fundamentalmente, a assistência, o atendimento, a prática; na Bahia, com a Secretaria Estadual de Saúde⁷, que também é da prática. Desta forma, a humanização deve ser uma dimensão que informa o que deve ser a prática do SUS.

Aprendemos muito com o nível médio, com parceiros que já tinham uma prática de ensino. O segundo passo, a especialização *lato sensu*, foi de amadurecimento. O recorte, a discussão que se faz no curso de especialização é um pouco mais depurada. Não que seja mais importante, até porque o curso de nível médio requer mais cuidado, precisa de uma malha muito mais firme. O curso de especialização além de contar com grandes parceiros, que conseguimos ao longo dos últimos anos, tem um referencial epistemológico, um referencial teórico-instrumental e um contexto de práticas e possui quatro oficinas que, desde o começo, em 2004, já mudaram um pouco de *status*.

De 2004 a 2007 já foram formados cerca de 120 profissionais. Destes, pelo menos 10% estão cursando ou já cursaram mestrado e, hoje, estão aqui entre nós. Esse é exatamente o ensinamento que tomamos emprestado do sociólogo e filósofo francês Edgar Morin⁸, que o tomou emprestado e o desenvolveu a partir de Kleist⁹: se o saber não nos torna melhores nem mais felizes, a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, senão, mais felizes.

Novos desafios se colocam ao longo desses últimos anos. O que era um centro, hoje é um Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Pelo esforço enorme de alguns profissionais, em 2008 foi aprovado o nosso programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Informação e Comunicação em Saúde, PPGICS¹⁰, que começa agora em 2009. E esse é o casamento esperado entre uma vertente de estudos de Comunicação e Saúde, coordenada por Inesita Soares de Araújo¹¹, e a área de ICTS¹². E o futuro? A resposta pode estar na citação de Paulo Freire: "a luta por um futuro conhecido *a priori* prescinde de esperança"¹³.